

A RECONSTRUÇÃO DA FIGURA DA MULHER NEGRA POR MEIO DA ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO EM “OLHOS D’ÁGUA”

THE RECONSTRUCTION OF THE BLACK WOMAN IMAGE THROUGH CONCEIÇÃO EVARISTO'S ESCREVIVÊNCIA IN “OLHOS D’ÁGUA”

Gabriela Soares Nogueira Andreatti¹

RESUMO

Durante muito tempo, a literatura brasileira representou os negros de forma pejorativa, colocando-os em posições de subalternidade. Com a ascensão de uma literatura negro-brasileira, os sujeitos negros passaram a reivindicar representações não estereotipadas e, principalmente o lugar de escrita. Conceição Evaristo é uma das autoras contemporâneas que luta para subverter as representações do negro na literatura e, por meio do conceito de escrevivência, cria narrativas que representam o real dos sujeitos-mulheres-negras. Desta forma, analisa-se a construção feminina que Evaristo (2016) realiza em “Olhos d’água”, partindo das representações que povoaram o passado literário para contrastar com a figura materna no conto.

Palavras-chave: escrevivência, Conceição Evaristo, literatura negro-brasileira.

ABSTRACT

For a long time, Brazilian literature represented black people in a pejorative way, placing them in subordinate positions. With the rise of a black-Brazilian literature, black people began to claim non-stereotypical representations and, mainly, the place of writing. Conceição Evaristo is one of the contemporary authoresses who struggles to subvert the representations of black people in literature and, through the concept of “escrevivência”, creates narratives that represent the reality of black women-subjects. In this way, the feminine construction that Evaristo (2016) performs in “Olhos d’água” is analyzed, starting from the representations that populated the literary past to contrast with the mother figure in the short story.

Keywords: escrevivência, Conceição Evaristo, black-brasilian literature.

Introdução

¹ Mestre em Letras e aluna de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, *campus* de Maringá. E-mail para contato: gsnandreatti@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5586-9545>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3581318442774504>.

A consolidação de uma literatura negro-brasileira² ou, ainda, de obras de autoria feminina ocorreu de forma lenta no processo de construção da literatura nacional. Mesmo que uma ou outra obra surgissem no decorrer do tempo, o cânone literário brasileiro era composto, majoritariamente, por homens brancos, heterossexuais e de classe alta. Dentro dessa perspectiva, autores que diferiam desse padrão sofriam retaliações quanto às tentativas de se inserirem nesse circuito.

Pensando especificamente na condição de autoras negras, a problemática de se inserir nesse sistema é ainda maior. A escrita feminina-negra enfrenta, além das dificuldades provenientes do sexismo de um sistema patriarcal que considera as mulheres seres inferiores histórico, social e politicamente, as dificuldades que a cor da pele propicia em um país como o Brasil, com seu racismo estruturalmente construído e a violência explícita e velada praticada cotidianamente contra os negros. Escrever, portanto, conforme atesta Evaristo (2007), passa a ser um ato de insubordinação praticado por essas mulheres, conta um sistema que insiste em inferiorizá-las.

Em relação à literatura brasileira, as figuras de minorias, especialmente os homens e mulheres negros, estiveram presentes mais como tema do que como voz autoral nas obras literárias, tendo sua representação condicionada a uma visão que o retratava como objeto, mesmo em um país multiétnico de maioria afro-descendente (DUARTE, 2013).

Lutando contra essas representações, a literatura negra-brasileira, apesar de ser relegada às margens pelo cânone literário durante muitos séculos, apresenta obras que visam a reverter as imagens propagadas pelo cânone. Assim, tem-se o surgimento e a recuperação de inúmeros escritores capazes de transmitir, em suas palavras, o que a vivência negra no Brasil imprime em seus corpos e almas, fugindo às caricaturas que até então lhes eram impostas.

² Para este artigo, portanto, utilizar-se-á a denominação “literatura negro-brasileira”, tal como apresentada por Cuti (2010). O autor opta por tal definição em face de literatura afro-brasileira, por considerar que ao fazer relação com o afro, englobe mais uma relação entre culturas africana e brasileira do que propriamente uma literatura que verse sobre as vivências negras no Brasil. Por esse motivo, ao recorrer à palavra negro, a literatura incorpora os movimentos de luta contra o racismo que elegem essa palavra em seus slogans de combate e negro-brasileira, por sua vez, refere-se ao contexto específico no qual surgem essas literaturas.

Dentre os escritores que elevaram suas vozes na construção de uma literatura negro-brasileira, Conceição Evaristo é uma das figuras de destaque nesse panorama. Sendo autora do conceito de escrevivência, que visa a caracterizar as marcas de uma vivência negra-feminina no país, sua escrita ecoa as vozes de inúmeras mulheres, que, assim como ela, sentem na pele as experiências que ser mulher e negra propiciam.

Nascida em Belo Horizonte, no ano de 1946, a autora passou por experiências concernentes à vida negra na favela (DUARTE, 2014). Os estudos sempre tiveram papel importante na vida da escritora, que se formou em Letras, foi professora, mestre e doutora, conquistando seus títulos com pesquisas voltadas à área da construção de uma identidade negra na literatura.

Como escritora, sua estreia se deu em 1990, nos *Cadernos Negros*, com a publicação de dois contos. Diferentemente do que se vê em muitos autores, a escrita de Evaristo não busca mascarar com roupagens sofisticadas a dureza de um cotidiano marcado pela violência que sofrem suas personagens. *Ponciá Vicencio* (2020) e *Becos da Memória* (2018) são obra que trazem narradoras capazes de adentrar nas vivências de seus personagens negros e narrar aos leitores o mais íntimo de seus sujeitos.

Olhos d'água é uma coletânea de contos publicada em 2014, em parceria da Fundação Biblioteca Nacional com a editora Pallas. O livro é composto de quinze contos, alguns dos quais, anteriormente, publicados nos *Cadernos Negros*, como “Di Lixão” e “Maria”, e que passam, agora, a compor um novo emaranhado de histórias e personagens que se ligam por suas questões sociais da comunidade negra-brasileira.

O conto homônimo e que abre a belíssima sequência de histórias presentes em *Olhos d'água* apresenta uma narrativa em primeira pessoa na qual a narradora se questiona sobre a cor dos olhos de sua mãe. O insistente questionamento leva a mulher a regressar às terras de sua infância para, nos olhos de sua mãe, descobrir a cumplicidade dividida entre as mulheres de sua família. Apesar de apresentar uma sequência simples de acontecimentos, o conto se aprofunda na recuperação da memória e na inquietação que tomam conta da narradora ao se dar conta que não se recorda da cor dos olhos da própria mãe.

O presente artigo tem como objetivo analisar a construção narrativa do conto “Olhos d'água”, averiguando de que forma a representação feita por Evaristo distingue

da construção de mulheres negras que era propagada pela literatura tida como oficial. Para isso, busca-se relacionar o conto ao conceito de escrevivência cunhado pela própria autora. A cumplicidade, a afetividade e a subjetividade retratada por ela no conto são os principais elementos que permitem reavaliar a representação que era feita das mulheres negras na literatura brasileira, visto que essas eram representadas como objetos que estavam ali para servir seus senhores das mais diversas maneiras

As marcas de uma vivência negra feminina que se imprimem no conto, portanto, permitem desvencilhar a representação da mulher-negra estereotipada e objetificada que, por muito tempo, marcou a literatura que era escrita sobre os negros no país. Assim, o exercício da literatura, como construção de discursos de resistência, como tentativa de construir identidades que subvertam as concepções difundidas por discursos coloniais é uma maneira de corroborar aos movimentos de afirmação negro e feminista na busca por igualdade.

Das margens ao cânone

A literatura é um espaço privilegiado da produção e da representação simbólica de sentidos e de discursos. Ela atua como uma forma de disseminação de estereótipos sociais ao propagar discursos que incorporem a visão de mundo de seus autores. Sendo assim, por muito tempo, ela foi veículo de narrativas que menosprezavam indivíduos e sustentavam um padrão de dominação baseado na figura do homem branco, financeiramente abastado e heterossexual, padrão eurocêntrico que controlava as elites sociais do globo. O processo de rompimento dessa concepção de literatura se deu com o movimento de as minorias passarem a ocupar lugares de destaque na sociedade.

O surgimento de uma literatura que colocasse o negro como protagonista e que fugisse aos estereótipos racistas que lhe eram atribuídos ocorreu de maneira lenta, visto que autores e autoras negros precisaram lutar por seu espaço. A literatura que versava sobre negros ou que era produzida por esses, durante muito tempo, foi relegada às margens do circuito literário e dos grupos de autores consagrados, no Brasil. O desenvolvimento dessa literatura, segundo Domício Proença Filho (2004), pode ser dividida em duas formas de posicionamento: uma na qual o negro era retratado como objeto, por uma visão distanciada, geralmente, a visão do branco dominante; outra, na

qual o negro passa a ser o sujeito dessa literatura, assumindo uma atitude compromissada para com a própria representação literária e social.

No que tange à essa representação distanciada, na qual o negro não aparecia como sujeito portador de uma voz, mas como objeto de um discurso tingido por uma poética branca europeia, as obras apresentavam esses negros como personagens estereotipadas, que seguiam roteiros de comportamento social, tais como: o escravo nobre, o negro vítima, a mulata sensual, o assaltante, o negro pervertido, entre muitos outros (PROENÇA FILHO, 2004).

Para as personagens negra-femininas, segundo Evaristo (2009), nota-se, desde Gregório de Matos, a representação estereotipada da mulata sensual e da ausência de um comportamento maternal, como se às mulheres-negras fosse negada esta função tão pertencente às moças brancas. A personagem negra-feminina era, portanto, fruto de uma visão que a representava como “um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor” (EVARISTO, 2009, p. 23), ou seja, um corpo objetificado do qual fora retirado a subjetividade.

Além disso, a ausência de fala em algumas personagens negras ao longo de romances canônicos brasileiros, também, é algo sintomático a ser destacado. Como exemplos, Evaristo (2009) cita Pai Benedito, em *O Tronco do Ipê*, de José de Alencar, e Casimiro, em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, ambos detentores de uma linguagem animalizada e quase inexistente, ressaltando, mais uma vez, o mutismo ao qual os negros se viam condenados pela voz do branco.

Essa forma de representação atuava, principalmente, sobre o imaginário social da população, de forma que os estereótipos propagavam a maneira que esses indivíduos eram enxergados pela sociedade:

Enquanto forma de aprisionamento social e cultural, o estereótipo petrifica as identidades em figuras de face única, ralas e carregadas de univocidade. Com isto, estabelece uma linha de continuidade entre construções propriamente literárias e um imaginário social eivado de preconceitos (DUARTE, 2013, p. 147).

Até o século XX, salvo algumas exceções, a representação dos negros era realizada por meio da voz do branco, que lhes retratava como objeto descrito pela visão do colonizador. Esse ponto de vista começa a se modificar a partir de meados de 1920, nos Estados Unidos, segundo Guimarães (2009), quando os negros passam a ser incorporados ao mundo do espetáculo, dando início, mesmo que timidamente, às próprias representações de uma cultura negra. No Brasil, de acordo com Cuti (2010), as representações negras passam a ganhar espaço na literatura quando há o surgimento de leitores negros no horizonte de expectativas do escritor e de uma crítica literária voltada para essa vertente. Ainda, segundo o autor, um marco importante para essa mudança ocorreu em 1978 com a formação do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNCDR), que teve seu nome alterado para Movimento Negro Unificado (MNU) (CUTI, 2010).

Nesse mesmo ano, ocorre a criação da antologia *Cadernos Negros*, como um espaço no qual autores negros poderiam publicar seus escritos. A série, organizada pelo coletivo *Quilombhoje*, publica anualmente uma edição da obra, alternando seus volumes entre poemas e contos. Um dos motivos que levou à criação dos *Cadernos* foi a necessidade de um espaço em que os jovens negros pudessem expressar uma literatura que de fato os representasse:

Não bastava ser exceção, o jovem negro ansiava por ser agente da construção de sua trajetória na literatura: “O negro estava presente na literatura tradicionalmente como tema e não como agente”, afirma Márcio Barbosa. Cuti completa: “Porque faltou e falta ainda dentro dessa literatura brasileira feita por brancos os traços da nossa subjetividade. Nós estamos representados nessa literatura pela visão que o branco tem de nós” (COSTA, 2008, p. 23).

A aproximação entre temática e subjetividade do autor é o que permite à literatura o desenvolvimento de obras nas quais o sujeito negro seja o representante de si mesmo e não tratado como objeto temático do Outro. A importância desse movimento no qual o negro assume a representação de si mesmo enquanto personagem, criando uma identidade que explore a subjetividade de uma vivência negra, no Brasil, é o fato de que ao falar, o sujeito passa a existir absolutamente para o Outro (FANON, 2008).

Nesse sentido, a literatura atua como campo de representações de poder, por promover discursos que circularão entre a sociedade. A representação do negro, na literatura, como foi exposto na citação anterior, permite que seja criada uma visão não-estereotipada dessas personagens, ou seja, uma representação que leve em conta todos os sentidos do que ser negro significa no país. A afirmação de uma vertente negra na literatura brasileira, portanto, é fator necessário para a afirmação de um discurso que preserve a identidade cultural desse povo.

Do mesmo modo que a literatura negro-brasileira precisou conquistar seu lugar em meio ao cânone literário, os textos escritos por mulheres ou o protagonismo dessas em narrativas percorreu um logo caminho até se fazer enxergar. Desde as bases do feminismo, até a aceitação de escritoras mulheres nas academias e nos cânones vários obstáculos precisaram ser superados.

Assim como a literatura de autoria negra, as autoras mulheres tiveram um longo percurso até conseguirem conquistar, propriamente, um espaço literário no qual pudessem desenvolver seus escritos. Conforme defendido por Millet (1974), as mulheres precisavam conquistar seu próprio espaço (físico, social, financeiro) para desenvolver sua literatura. A literatura de autoria feminina, portanto, permaneceu escondida sob a ótica de um cânone literário construído por uma cultura machista e patriarcal até a desestabilização desse paradigma pelo advento da crítica feminista, por volta de 1970, que passou a questionar a estrutura social e, conseqüentemente, a posição da mulher na literatura (ZOLIN, 2009).

O movimento feminista, em sua forma mais articulada, entrou no cenário político dos Estados Unidos e da Inglaterra, em meados da segunda metade do século XIX, com as campanhas que reivindicavam o sufrágio feminino e a igualdade política. De acordo com Hooks, “Dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão.” (2018, p. 17), ou seja, o feminismo busca a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, desnudando estruturas sociais que as tratavam como seres inferiores, muitas das quais, reproduzidas pelas próprias mulheres.

“Mulheres brancas com privilégio de classe rapidamente se declararam ‘proprietárias’ do movimento, colocando as mulheres brancas da classe trabalhadora, as

brancas pobres e todas as mulheres não brancas na posição de seguidoras” (HOOKS, 2018, p. 58). Dessa forma, as necessidades das mulheres negras, de outras etnias e de mulheres brancas da classe operária acabaram sendo relegadas ao esquecimento, fato que exigiu um redirecionamento das reivindicações da luta feminista, que passou a propor sua integração e igualdade social (HOOKS, 2018). No entanto, com a ascensão da terceira onda feminista e o direcionamento para questões de identidade, que visavam acabar não só com o sexismo, mas com o racismo e com as diferenças sociais, passaram a ser foco das lutas femininas.

Assim, a literatura de autoria feminina é uma forma de manifestação contra essa opressão que relegava as mulheres ao papel de objetos a serem descritos pelos homens. Ao assumirem a palavras, as mulheres passaram a questionar os papéis e posições que assumiam nos romances. Da mesma forma, autoras negras passam a se impor quando assumem para si a representação de suas vivências, de seus sentimentos e de sua participação na sociedade.

Escrevivências do olhar materno

Uma das autoras contemporâneas que utiliza sua escrita para retratar a subjetividade da mulher-negra e desconstruir os estereótipos que a literatura propagava é Conceição Evaristo. O conto “Olhos d’água” (2016) é narrado em primeira pessoa e apresenta o percurso realizado pela narradora para encontrar a cor dos olhos de sua mãe. A busca desperta as lembranças de um passado de cumplicidade entre mãe e filha, memórias de ocasiões em que a narradora, ainda menina, partilhava momentos de alegria e tristeza ao lado da mãe e das irmãs.

Os momentos retratados no conto são carregados da poeticidade da qual a escrita de Evaristo é dotada e refletem as experiências mais íntimas do sofrimento passado por essas mulheres na favela. Esses eventos do passado apresentados na narrativa podem ser caracterizados pelo que a autora denomina escrevivência. Essa mistura das palavras “escrita” e “vivência” se refere à experiência testemunhada por mulheres negras, as quais são parte integrante da formação delas enquanto sujeitos e que passam a fazer parte da escrita da autora. Nas palavras de Evaristo: “A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição,

que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 6). Nesse sentido, em seus textos, a autora coloca em sua escrita o eco de vozes negra-femininas que partilharam e ainda partilham dessa situação da qual Evaristo (2016) não se desvencilha em sua escrita.

A escrevivência seria, portanto, a capacidade de retratar fatos, não com uma visão objetificadora, tal como imperou na representação de personagens negras na literatura brasileira até o final do século XIX, mas com a sensibilidade de quem experienciou na pele tais situações. Isso se dá pelo fato de os autores não se desvencilharem das suas memórias e de suas experiências de vida no momento da escrita, de forma que elas são marcadas no estilo e na composição literária adotada por cada autor. Mais especificamente, o conceito de escrevivência de Evaristo (2007) se refere à escrita de mulheres negras que assim como ela carregam no corpo e na cor os sentimentos que essas condições lhes impõem. O conceito, assim, refere-se não a uma escrita que fale sobre, mas a uma escrita que expresse de dentro, de uma visão aproximada, que consiga transferir em suas linhas as minúcias e os sentimentos que a existência negra carrega.

Dessa forma, a representação que Evaristo (2016) faz da personagem mãe e da própria narradora em “Olhos d’água” não parte de uma visão exterior da relação maternal e da vivência pobre, mas de uma vivência pertencente a ela e a tantas outras mulheres negras que precisaram criar sozinha seus filhos. A narradora, portanto, expressa momentos do passado em que podia ler na mãe as estratégias para enganar a fome e a pobreza por meio de histórias e brincadeiras.

Conforme a própria autora alega, na gênese de sua escrita se encontram suas experiências e histórias que ouvia na infância, principalmente das mulheres de sua família e, também de elementos que foram sendo gravados em seu corpo, os quais veem à tona, no processo de escrita:

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir (EVARISTO, 2007, p. 7).

No conto aqui analisado, a narradora faz menção à contação de histórias que a mãe entoava quando não podia dar alimentos às filhas. Nas palavras da narradora:

E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. (EVARISTO, 2016, p. 16)

A imaginação, assim, era uma arma utilizada pela mãe para suprir a necessidade de alimento de suas filhas. Por meio de histórias que retomavam, inclusive, a ancestralidade das mulheres negras, ela demonstrava o cuidado e o maternalismo protetor, tentando não deixar que suas crianças notassem as dificuldades da vida. Essa construção materna contrasta com as representações que, por muito tempo, ocuparam as narrativas, aquela da negra enquanto objeto sexual e desprovida da capacidade de ser mãe. Sobre essa ausência de figura negra como mãe, Evaristo (2005, p. 53) comenta:

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas. Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço*, (1890) de Aloísio de Azevedo, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, Gabriela, Cravo e Canela, (1958) de Jorge Amado, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais.

Nota-se, assim, a distinção entre a figura de mãe acolhedora e protetora que Evaristo (2016) narrou, com as figuras que permearam a literatura brasileira, principalmente no século XIX. A criação da mãe, no conto, é dotada de escrevivência, transbordado o afeto que ecoa a voz das mães negras brasileiras, das mães ancestrais, que foram separadas de seus filhos para que pudessem amamentar e cuidar dos filhos da casa-grande, e de muitas outras mulheres que precisam sustentar seus filhos.

Não só a representação materna, mas a própria figura da narradora enquanto filha é dotada de uma subjetividade característica da escrita de Evaristo, que leva os leitores, também, a se questionarem quanto a cor dos olhos de suas mães. Além disso, a relação entre a narradora e sua mãe é marcada pela cumplicidade, visto que aquela assume que teve de crescer rapidamente para ajudar a mãe com as outras filhas, tal fato fez com que ela aprendesse a desvendar os silêncios que prenunciavam alegrias e tristezas na vida da família.

Isso intensifica a culpa que a narradora sente por não recordar a cor dos olhos de sua mãe, fato que é constantemente marcado no texto, por meio das lembranças de eventos que a narradora é capaz de recuperar sem, contudo, atingir a cor dos olhos maternos:

Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio uma cabeleira crespa e bela... (EVARISTO, 2016, p. 16).

A memória dos detalhes do corpo materno, do corpo que abraçava as filhas nos dias de chuva, da ausência de cheiro que subia da panela com que fervia água e dos esforços da mãe em articular histórias e brincadeira que pudessem distrair as filhas da fome revelam passagens em que o prenúncio da cor dos olhos já está marcado. Nessas lembranças, a narradora já faz menção às lágrimas que encobrem os olhos da mãe nos momentos de alegria e de tristezas.

Dentro da economia que se faz necessária à construção do conto, a elaboração de detalhes que denotam a ausência da cor dos olhos maternos nas lembranças e, ao mesmo tempo, reafirmam em prolepses a descoberta que a narradora fará sobre esses olhos,

permeiam o enredo: “A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela?” (EVARISTO, 2016, p. 16); “A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado...” (EVARISTO, 2016, p. 17); “Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós” (EVARISTO, 2016, p. 17).

Como é possível notar, são utilizados para a construção da imagem dos olhos da mãe elementos que remetam à presença de água: “lágrimas”, “sorriso molhado”, “olhos alagados”, os quais irão culminar em “olhos d’água”, uma referência às nascentes de água que brotam do solo. Essas nascentes remetem a um solo fértil, que transbordam água de seu mais íntimo, assim como a mãe. Essa personagem fértil, que mesmo em meio às dificuldades criou suas sete filhas enchendo-lhes de histórias e invenções na tentativa de suprir as ausências materiais. A água, nesse sentido, pode ser considerada como símbolo de abundância, abundância de amor, de afeto, de cuidados, de maternidade, características dessa mulher que a narradora tanto admira.

O encontro com esses olhos se dá, enfim, quando depois de muito pensar e tentar buscar em sua memória, a narradora empreende uma viagem para reencontrar a mãe:

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?
Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (EVARISTO, 2016, p. 18, 19),

Os olhos da mãe se transformam em rios caudalosos, fontes constantes de água, correntezas, simbolizando a corrente de vida que flui dessa mulher. Segundo Chevalier (2019), as representações simbólicas da água apontam, principalmente, para três pontos: fonte de vida, purificação e regenerescência. O encontro com a mãe, nesse sentido, remonta ao encontro com a própria origem, com a fonte de sua vida, ao mesmo tempo que é um ato de purificação para essa narradora. Depois de tanto tempo distante,

revisitar a mãe é um ato de banhar-se novamente em suas águas, reencontrar as próprias origens e assim regenerar a si mesma. O pensamento que antes lhe causava culpa por não recordar a cor dos olhos da própria mãe termina em um encontro no qual as lágrimas de ambas se mesclam, como que selando a união dessas duas mulheres, simbolizando a cumplicidade entre mãe e filha.

A água nascente estabelece relação, também, com o feminino, com a fecundidade (CHEVALIER, 2019). Oxum é a Rainha da Água doce, dona dos rios e das cachoeiras, detentora das riquezas e conhecida pela fertilidade, símbolo de mãe. Ao trazer Mamãe Oxum para o conto, Evaristo (2016) resgata tradição africana com a presença de seus orixás, essa representação, no entanto, não é feita de forma exótica, tentando pintar para seus leitores um quadro folclórico da religião. O relato de Evaristo (2016) demonstra a relação de alguém que tem incorporado à sua vivência a presença dessa cultura, que recorre a ela não com adereço ao texto, mas como elemento cotidiano.

O ciclo que se inicia com a cumplicidade entre a narradora e a mãe se repete entre a narradora e a filha, num movimento de transmissão, semelhante às transmissões de narrativas genealógicas. É nos olhos da mãe que a narradora aprende a desvendar mais do que a superfície dos comportamentos de uma mulher forte que carrega em seu íntimo a força das correntezas. Num movimento semelhante, a narradora e a filha jogam o mesmo jogo de partilhar a intimidade por meio do olhar:

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2016, p. 19).

A descoberta feita pela menina surpreende a mãe ao revelar-lhe que, assim como ela mesma foi capaz de se encontrar nos olhos de sua mãe, sua filha enxerga em seus

olhos as marcas de uma ancestralidade marcada pelas águas que fluem nos olhos das mulheres da família. Nesse sentido, o conto retrata a troca íntima entre mãe e filha, que permeia gerações e remonta a uma cumplicidade partilhada nos momentos de carinho.

Considerações finais

A literatura de autoria negra, no Brasil, enfrentou um difícil percurso até conseguir se estabelecer entre o chamado círculo literário. Mesmo depois de muita luta, esses autores continuam tendo de impor suas vozes para que suas obras conquistem espaço no mercado editorial, de modo que alternativas como a criação dos *Cadernos Negros* foram fundamentais para esse enfrentamento.

Dentro da dificuldade imposta pelo racismo que os negros enfrentam, as autoras mulheres negras são ainda mais discriminadas, isso porque precisam lidar com os preconceitos provenientes de serem negras e de serem mulheres, duas formas de inferiorização muito fortes que ainda assolam a população brasileira.

Uma das autoras que assume esse papel de resistência, de elevar sua voz, de fazer sua escrita insurgir contra o sistema literário é Conceição Evaristo. Conforme apresentado, a autora esboça em sua escrita as marcas de uma vivência negra no Brasil, por meio de textos que revelam o íntimo do que significa a posição que suas personagens assumem nos contos. A esse tipo de escrita capaz de aprofundar ao cerne de uma vivência feminina negra, a autora denomina *escrevivência* (EVARISTO, 2007), pois é a escrita que revela o eco de milhares de mulheres que, assim como ela, sofrem os efeitos do preconceito.

No conto “Olhos d’água” (2016), a *escrevivência* aparece na relação de cumplicidade entre mãe e filha que, por meio da busca pela cor dos olhos materno, é capaz de revelar os sentimentos guardados na memória da narradora. Desta forma, a composição do conto apresenta elementos que já realizam o prenúncio da descoberta que será feita pela narradora, bem como demonstram que a construção utilizada por Evaristo (2016) vai muito além de apresentação de estereótipos sobre a figura do negro, como era feito pela literatura brasileira; ela dota essas personagens de sensibilidades, mergulhando-as em suas próprias vivências, da qual sua matéria literária é fruto.

É por meio da voz da narradora que se torna possível a transmissão dessas experiências tão íntimas à vivência negro-feminina de diversas mulheres que assim como a autora tiveram passaram por situações similares. A narradora do conto é o elemento que permite a proximidade entre a voz de inúmeras mulheres e aquilo que se narra no texto, incorporando ao seu discurso ficcional elementos da vida de mulheres negras e faveladas.

A escrita de Evaristo, portanto, é marcada pelas especificidades de sua condição sujeito-mulher-negra, ao mesmo tempo, em que atua como uma força de resistência contra a dominação que a sociedade brasileira, com suas raízes coloniais, ainda imprime aos sujeitos negros. A luta pela formação de uma literatura negra-brasileira é essencial para que essas vozes possam ecoar cada vez mais alto na conquista por um espaço em meio ao mercado editorial brasileiro.

REFERÊNCIAS

- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 33ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.
- COSTA, Aline. Um pouco de história de cadernos negros. *In: Cadernos Negros: Três décadas*. São Paulo: Quilombhoje, 2008, p. 19-39. Disponível em: <https://issuu.com/mbantu/docs/historicotresdecadas>. Acesso em: abril de 2023.
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, v. 6, n. 2, 2013, p. 146-153. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnmfBJVHR9x>. Acesso em: abril de 2023.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*. n. 23. Rio de Janeiro, 2010, p. 113-138. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: fevereiro de 2023.
- DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005. Disponível em:

<https://inegalagoas.files.wordpress.com/2020/05/gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf>. Acesso em: abril de 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, Belo Horizonte, 2009, p. 17-31

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. ePUB.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. ePUB

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na Literatura Brasileira. *Palmares*. 2005 p. 52 – 57. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: abril de 2023.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A Modernidade Negra. *Teoria & pesquisa: Revista de Ciência Política*, São Carlos, v. 1, n. 42, 2009. DOI: 10.4322/tp.v1i42.56. Disponível em: <https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/56>. Acesso em: 26 de março de 2023.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MILLET, Kate. *Política sexual*. Tradução de Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1974.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos avançados*. v. 18, n. 50. São Paulo, 2004, p. 161-193.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária*. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009, p. 217-242.

Recebido em 20/04/2023

Aceito em 10/06/2023

Revista de Letras Norte@mentos

240

Dossiê “As escrituras de Conceição Evaristo: as mulheres negras no centro das narrativas”, *Sinop*, v. 16, n. 44, p. 225-240, jul. 2023.